Carta a Reagan tenta obter apoio para negociar

Ainda que sem o FMI, Planalto mostra que deseja o entendimento e não o confronto

ARNOLFO CARVALHO
Chefe de Reportagem

O presidente José Sarney enviou uma carta ao presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, expondo as dificuldades de caixa do Brasil e comunicando sua decisão — que será anunciada hoje em cadeia de rádio e televisão — de suspender os pagamentos de juros devidos aos bancos particulares no exterior, enquanto o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, encaminha a partir da próxima semana a negociação com a comunidade financeira para obter um empréstimo externo ou, então, a inclusão dos juros no refinanciamento da dívida de US\$ 107 bilhões.

A carta foi levada pelo embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, que ontem chegou de volta a Washington com a missão de preparar o governo americano e explicar que, na verdade, o Brasil quer negociar e não está buscando nenhuma confrontação com os credores. Esta intenção foi confirmada por um ministro de Estado próximo ao presidente Sarney, que teve conhecimento da existência da carta. A suspensão dos pagamentos de juros não inclui os débitos junto aos bancos oficiais, que no mês passado concordaram em rolar a dívida brasileira com o Clube de Paris.

A primeira reação americana partindo de uma autoridade governamental foi registrada ontem no Congresso, onde o presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, admitiu que a volta da inflação e a deterioração da balança comercial abalaram a confiança no Brasil, que agora deverá enfrentar dificuldades pa-

ra levantar dinheiro no mercado internacional. Em Brasília, fontes do Palácio explicaram que, em princípio, não está colocado o pedido de nenhum empréstimo-ponte ao Tesouro norte-americano, já que se espera um desfecho favorável da negociação a ser iniciada pelo ministro Funaro junto à comunidade bancária internacional.

Não há disposição tampouco para se fazer um acordo com o Fundo Monetário Internacional que, em troca da recomendação aos bancos para concessão de dinheiro novo, exigiria o cumprimento de um programa de ajuste da economia brasileira. O presidente Sarney pretende contornar este tipo de exigência anunciando sua decisão de adotar um programa de estabilização econômica imediatamente, em prosseguimento ao Plano Cruzado, de forma a combater a ameaça de hiperinflação com medidas que não resultem em recessão acentuada.

Ainda ontem o Palácio do Planalto fez questão de reafirmar o ministro Dil-

son Funaro como o delegado do presidente para levar adiante a renegociação da dívida externa, desmentindo assim rumores de que esta tarefa teria passado às mãos do embaixador Marcílio Marques Moreira. A missão do embaixador é atuar diretamente junto ao governo norte-americano, pois sem a concordância de Ronald Reagan será impossível chegar a um acordo de refinanciamento com dinheiro novo sem passar pelo programa de ajuste do FMI.

Manter abertas as portas da negociação é agora a principal preocupação do ministro da Fazenda, que ontem negou várias vezes que já existe uma decisão de suspender os pagamentos de juros, dando a entender que tudo vai depender da reação dos credores. Se houver disposição favorável, os pagamentos dos juros aos bancos privados será retomada em seguida, uma vez que as reservas em caixa ainda são suficientes para manter em dias os compromissos de fevereiro e março, de acordo com técnicos do Banco Central.